

## Imbróglie fantapolítico

Meu caro editor,

Interessei-me pela crítica do diplomata Edgar Telles Ribeiro sobre a estrutura dramática de *Tensão no Rio*, embora a achasse um pouquinho acadêmica, contando a estória do filme e tudo. É evidente que sendo um filme experimental, como também o era *O Bravo Guerreiro* e *Uirá*, não é o reconhecimento generalizado seu objeto principal. Além do que, os anos tornam os sentimentos finos e o couro grosso. Lembro sempre do tempo em que *O Bravo Guerreiro* era elogiado em Nova Iorque por Susan Sontag ou em Roma por Jean-Marie Straub e esculhambado aqui pela crítica local. Nunca mandei publicar na coluna do Zózimo que Claude Levy-Strauss viu e gostou de *Uirá*, em Paris, no clássico Studio des Ursulines. Pequenos, secretos orgulhos... Mas voltando ao filme, devo dizer que apesar do interesse pela prosa do nosso professor de cinema, continuo aguardando uma crítica sobre o objeto fílmico e não sobre sua anedota.

Como as referências do filme são *Topázio*, de Hitchcock, e *Los Ambiciosos*, de Buñel, a alusão ao bem-pensante cinema político europeu — a esquerda com cachimbo — é descabida. De fato, a proposta dramatúrgica de *Tensão* (tratar o real como uma história em quadrinhos “fantapolítica”, montar uma comédia dramática, distanciada, a partir dos clichês da latinidade) não tem nada a ver com “sutilezas cromáticas”. Poucas coisas me comovem no cinema como a boçalidade dos mestres: ainda outro dia revi, no Cineclub Macunaíma, *La Règle du Jeu*, do corpulento Renoir, onde a sedutora Lisette, empregadilha do castelo e pólo erótico do filme, aparece pelo menos duas vezes

mordendo um maçã enquanto tenta patrões e criados.

Quanto à verossimilhança, já imaginou se fôssemos jogar fora *O Cangaceiro*, do alucinadamente genial Lima Barreto, só porque na vida real os brigantes andavam a pé e não a cavalo? Eu não estava elaborando um tratado de fronteiras mas delirando uma trama, sem preocupações



*Tensão no Rio*: Flavio Sabag, Anselmo Duarte, Ana Maria Magalhães

com a política externa das ditaduras latino-americanas, que não carecem de estudos profundos. Veja só como nosso brilhante “pragmatismo responsável” não nos impediu de dever até as calças.

Mas a respeito do roteiro, terreno em que o nosso Edgar excede, queria precisar que a estrutura dramática padece da interrupção de um ano que foi imposta às filmagens pelo também diplomata Celso Amorim. E um filme interrompido, quando é retomado, só tem uma preocupação: viabilizar-se. Eu brincava sempre dizendo que o primeiro terço do filme, fotografado pelo requintado Murilo Salles, com movimentos de guias, plantos-seqüências, fotografia “hiper” etc, era estilo Columbia e que

os outros dois terços, fotografados pelo instigantemente lírico Antonio Luís, era Pel-Mex. Vai daí que embora tenham passado pelo roteiro as mãos ilustres de Jorge Duran ou, ainda que fugazmente, o brilho de Claudio Bujunga, não seria chique comprometê-los com o imbróglie que eu mesmo montei. E montei mesmo, com a autoridade que me dão os prêmios que

acumulei quando praticava o delicado artesanato do corte e costura de imagens e sons e a valiosa interlocução de Aida Marques e Hercília Cardillo.

E tem mais: a manter-se esta linha editorial de convidar profissionais do assunto para tratar dos temas dos filmes, tenho sugestões a fazer. Gostaria de ler nos próximos números a crítica de um geólogo sobre *Chico Rei*, aurífera reconstituição histórica de Walter Lima Jr. e sobretudo os comentários de Castor de Andrade sobre o zoófilo *Rei do Rio*, de Barreto, o Jovem.

“Cordially yours”

Gustavo Dahl